

A mística do MST como organizador coletivo

The MST mística as a collective organizer

La mística del MST como organizador colectivo

Leonardo Campos Martins | leonardo.martins@discente.eco.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0001-7921-1713>

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.



Recebimento do artigo: 15-fevereiro-2022

Aceite: 16-junho-2022

MARTINS, L. C. A mística do MST como organizador coletivo. **Revista Mangút: Conexões Gastronômicas**. ISSN 2763-9029. Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 22-34, jun. 2022.

RESUMO

Neste artigo busco aproximar as estratégias de emancipação coletiva, de organização e conceitos de práticas mobilizadoras e pedagógicas da mística do MST ao caráter de sistematização do trabalho de Paulo Freire e sua práxis libertadora, que parecem auxiliar na estruturação e fundamentação não só teórica, mas da práxis como um momento político do Movimento. E entender como este organizador coletivo interfere na cultura alimentar enquanto luta pela Reforma Agrária Popular com elementos políticos e sentimentais que parecem fundamentais para pensar a gastronomia. Buscando na literatura o que Freire sistematiza nesses pensamentos, experiências e visões que retornam ao debate sobre disputa hegemônica pelas epistemologias do sul, propostas por Boaventura de Sousa.

Palavras-chaves: Gastronomia; Mística; MST; Pedagogia do oprimido; Comunicação.

ABSTRACT

In this article, I intend to approximate the strategies of collective emancipation, organization, concepts of mobilizing and pedagogical practices from the MST mística to the systematization character of Paulo Freire's work and his liberating praxis, which seem to help in the structuring and foundation not only of theory but of the praxis as a political moment of the Movement. Searching in the literature what Freire systematizes in these thoughts, experiences and visions that return to the debate on the hegemonic dispute for the epistemologies of the south, proposed by Boaventura de Sousa. Moreover, understand how this collective organizer interferes in food culture while fighting for Popular Agrarian Reform with political and also sentimental elements that seem fundamental to thinking about gastronomy.

Keywords: Gastronomy; Mística; MST; Pedagogy of the Oppressed; Media.

RESUMEN

En este artículo pretendo acercarme a las estrategias de emancipación colectiva, de organización y conceptos de prácticas movilizadoras y pedagógicas de la mística del MST (Movimiento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) al carácter de sistematización del trabajo de Paulo Freire y su praxis libertadora, que parecen contribuir con la estructuración y fundamentación, no sólo de la teoría, sino de la praxis como momento político del Movimiento. Y comprender cómo este organizador colectivo interfiere en la cultura gastronómica mientras lucha por la Reforma Agraria Popular con elementos políticos y también sentimentales que parecen fundamentales para pensar la gastronomía. Buscando en la literatura lo que Freire sistematiza en estos pensamientos, experiencias y visiones que retoman el debate sobre la disputa hegemónica por las epistemologías del sur, propuestas por Boaventura de Sousa.

Palabras claves: Gastronomía; Mística; MST; Pedagogía del oprimido; Comunicación.

*Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu seio o meu nome assiná
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estuda*
(O poeta da Roça - Patativa do Assaré)

INTRODUÇÃO

Uma das marcas mais evidentes do vínculo inicial que existiu entre o MST e a Igreja Católica, através das Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação, é a prática discursiva da mística, que guarda sua origem religiosa, mas que foi sendo adaptada à uma prática político-ritualística. A Teologia da Libertação é uma reflexão da própria práxis libertadora. Seu discurso social e político, que também é uma reflexão religiosa e espiritual, foi crucial para a descoberta do marxismo pelos cristãos progressistas. Porém, a aproximação com Paulo Freire vai muito mais além.

A mística pode representar parte significativa das práticas de mobilização e ação do MST em direção a Reforma Agrária Popular, que aponta um momento de mudança ideológica, de organização da produção através da agroecologia até a soberania alimentar. Um projeto de autodeterminação e politização dos oprimidos pela luta coletiva. Possibilitando, por exemplo, novas formas de solidariedade como substrato para a sociabilidade política e a formação militante.

O caráter do trabalho de sistematização de Paulo Freire e sua práxis parecem auxiliar nessa estruturação e fundamentação teórica do Movimento Sem Terra e sensibilizar sua mística, desde seu início. Este trabalho pode soar como pobre, ou de menor valor, porque é manual, escrito de forma simples e direta ou realizado com artesanias. E isso perpassa a tudo que é relacionado com a comunicação popular, ou comunitária, com essa comunicação libertadora.

E a mística do MST, que está muito presente na comunicação popular, de um modo geral, muitas vezes, também será olhada como um elemento, ou da simplicidade, ou um elemento dispensável, um elemento que é estético, que é do campo transcendental, sentimental, espiritual. Mas é justamente nesta junção, quando Freire sistematiza pensamentos, experiências e visões, agregando todos esses elementos, como observamos nas Epistemologias do Sul, por Boaventura (2020), que emerge a força de sua obra e que, ao mesmo tempo, dá força ao Movimento Sem Terra e outras experiências de comunicação popular: o olhar a experiência como um todo, da práxis ao prato, se observamos todo o Movimento, desde sua luta pela terra até a produção de alimentos agroecológicos e o resgate de culturas alimentares silenciadas.

Os movimentos sociais representam um papel importantíssimo de natureza política, ética e também estética. Para Paulo Freire, que não afasta a "boniteza" de nada, os movimentos sociais encarnam a beleza da libertação e que a poesia da libertação não existe sem ela. Entender a luta como um poema é ver a briga como uma coisa bonita, e sendo bonita é necessariamente ética. Tanto que os poemas são formas místicas de imenso valor formador para o MST, assim como o alimento na mesa do trabalhador, simbolizando a luta pela terra e contra a fome.

Essa sensibilidade construída pela mística do MST que utiliza poesia como uma forma de preparar a coletividade para a luta, segundo Vieira (2019), foi relatado por Josías Barros, Coordenador do MST na Zona da Mata pernambucana, ao jornal O Globo: “Aprendi a gostar de poesia no MST. A gente lê e tira dela muita preparação política – disse, citando versos de Patativa do Assaré, no qual ele chora a morte da filha de 6 anos em razão da seca e conclama o sertanejo a lutar” (O Globo, 06/03/2006). Essa sensibilidade também se apresenta na solidariedade, como um sistema de resgate desse povo silenciado e sua cultura invisibilizada.

Olhar os grupos sociais como um todo e entender que, quando a comunicação dialógica de Freire vai além da informação, não é transmissão nem compartilhamento da informação. Escutar a outra pessoa, se abrir a um diálogo, é participar de uma mística. Essa comunicação é uma mística, um espaço de entrega porque vai além do aspecto normativo. E a eficácia da comunicação do MST talvez resida neste fenômeno.

A MÍSTICA COMO ORGANIZADORA COLETIVA

Apresentando um conjunto de reflexões acerca da educação, que compreende a luta social, a emancipação, a libertação e a vida no campo, a mística, enquanto prática educativa, funciona como uma ideia-força, que também podemos chamar de ideia geradora. Seu potencial para despertar e trazer à memória os saberes, os conhecimentos ancestrais, para Paulo Freire (1992), favorecem a reflexão crítica da história, da realidade social, propiciando o fortalecimento de uma utopia. O MST assume, desta forma, a mística como uma prática educativa, uma estratégia de emancipação do sujeito crítico, consciente de sua condição de autor de sua própria história e também responsável por transformar a sua realidade.

A mística se apresenta, por esta perspectiva, como impulso para compreender a estrutura organizativa do Movimento, que é individual, mas ao mesmo tempo coletiva, não como um simples ajuntamento de indivíduos, mas uma coletividade baseada na luta em comum contra os sistemas de opressão e, sobretudo, de silenciamento, na transformação e reinterpretção do mundo.

Agindo no sentido de prefigurar e alicerçar, como descreve Semeraro (2006), um tipo de subjetividade ético-política, a mística se faz ao mesmo tempo individual e coletiva, capaz de instruir a ação de novos sujeitos sociopolíticos. E um dos conceitos que sustentam teoricamente uma busca pelo reconhecimento de um processo pedagógico e sistemático de emancipação inerente à luta pela terra é a ação educadora emancipatória.

Os símbolos na mística do MST materializam a ideologia do Movimento, constituindo uma nova linguagem, que reflete um pensamento pedagógico próprio, que é também marcado pela autoria coletiva. Os gestos, as danças, as rezas, os instrumentos de trabalho, a produção de alimentos, as marchas, a bandeira, o hino, as canções do Movimento e tantos outros símbolos, apontam para esta construção levantada por saberes próprios e que apresentam conscientemente uma intencionalidade que mobiliza à ação política, legitimando a luta pela terra e construindo sua memória histórica, seu estar no mundo. E qualquer situação de dominação ou opressão que imponha o silêncio, que impeça a realização da vocação ontológica e histórica dos homens de ser mais, é violenta. E violência, para Freire (1979), é o ato com que

alguns homens ou classes impedem outros de ser. E fica mais evidente quando uma classe impede outra de comer, quando a impõe a fome.

A mística do MST é um momento fundamental de sua práxis. Na Pedagogia do Oprimido, diz Paulo Freire, que “não há palavra verdadeira que não seja práxis” e que dizer a palavra verdadeira é transformar o mundo, e essa transformação é o objetivo principal do Movimento. Na mística se encontram os que se acham negados de dizer a palavra no diálogo libertador, esse diálogo que é o encontro dos homens para pronunciar o mundo. Neste encontro, diz Paulo Freire, não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem, que são os que negam aos demais o direito de dizer a palavra.

Como estratégia de comunicação e educação, a mística propicia o engajamento de pessoas do povo, intelectuais orgânicos, estudantes, que também compreendem a libertação como ação político-crítica, isto é, enquanto práxis, reflexão e ação dialética. Para além dos educadores-educandos nas situações específicas onde se realiza a educação como prática da liberdade – na alfabetização de adultos, nos movimentos populares, na escola, nos programas de reforma agrária – Freire dedica uma atenção especial àqueles que tendo como origem a classe dominante, se “convertem” e em diálogo com os oprimidos abraçam sua causa (LIMA, 2021). Desta forma o MST consegue o feito de distribuir mais de um milhão de quentinhas para pessoas necessitadas durante o período mais crítico da pandemia do coronavírus.

A mística ativa os valores e a memória da luta coletiva, sendo fundamental no processo de formação política e crítica entre seus participantes. É a mística que permite constatar que as condições materiais e sociais que exigem essa utopia no momento estão postas pelo capitalismo, como a miséria, a injustiça e a opressão, da mesma forma que dificultam a sua realização. E esta mesma mística,

[...] tão concreta entre os Sem Terra e difícil de ser traduzida para o mundo moderno, despolitizado e empobrecido de utopias e mitos revolucionários, parece ser a força propulsora que anima e gera a energia suficiente para os milhões de excluídos do campo se organizarem e acreditarem que a utopia de uma nova sociedade é possível (MOURA, 2019, p.116-117).

A libertação não é a ausência absoluta de opressão, mas a experiência de práxis do homem. Para Gramsci, intelectual sardo que influenciou profundamente o pensamento de Paulo Freire, filosofia da práxis é a atividade teórico-política e histórico-social dos grupos “subalternos” que procura desenvolver uma visão de mundo global e um programa preciso de ação dentro do contexto em que vivem, com os meios que têm à disposição, visando construir um projeto hegemônico alternativo de sociedade (SEMERARO, 2005).

A luta pela reforma agrária popular do MST, pela via política da solidariedade poderia alavancar uma transformação social tomando-se por base a classe trabalhadora do campo, libertando-se da dicotomia campo/cidade, assumindo uma identidade diatópica, ou seja, contrária às dicotomias que habitam o pensamento crítico neoliberal.

Conjugando paixão e razão, o MST trabalha com aquela “fantasia concreta” de que nos fala Gramsci. Fantasia que envolve, além de inteligência, grande dose de imaginação. Esta reflexão sobre a mística do MST tem como referência aquela vertente marxista que afirma a importância da vontade nos processos históricos e compreende a paixão e o mito, numa perspectiva materialista, como um momento ineliminável da política.

REFORMA AGRÁRIA POPULAR: A PRÁXIS LIBERTADORA

A execução do programa de reforma agrária no Chile, nos anos 60, compreende a formulação inicial do conceito de comunicação em Freire. Segundo Venício Lima (2021), esta comunicação, ou podemos dizer educação libertadora, implica a superação da “cultura do silêncio” na qual os oprimidos estão imersos.

Freire (1992) diz que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. De acordo com esta formulação na obra *Pedagogia do Oprimido*, os excluídos e oprimidos são submetidos à “invasão cultural”, ao silenciamento de sua palavra e à constante desumanização. E encontram na mística do Movimento essa vontade coletiva pela liberdade, pelo desejo de ser, e ser mais.

Paulo Freire, com sua pedagogia do oprimido, possibilita ao povo agora alfabetizado, o voto. Mas reforça também que falar a língua dos camponeses é um posicionamento contra a fala bacharelesca, que é uma marcação discursiva de senhorialidade, de patrimonialismo dominante e silenciador.

O livro *Extensão ou comunicação?* escrito no Chile, em 1968, argumenta que a comunicação é a coparticipação dos sujeitos no ato de conhecer. E esta prática dialética que implica a visão do ser humano como sujeito em relação ao mundo é o que fundamenta seu conceito de comunicação.

A organização do Movimento Sem Terra em seu projeto de luta pela reforma agrária popular, através da mística como instrumento de comunicação e práxis, possibilita uma permanente relação com a realidade, o que gera uma produção não só de bens materiais, coisas sensíveis e objetos, como disse Paulo Freire (1970b), mas também instituições, ideologias, arte, religiões, ciências e tecnologia. A mística do MST é construída dentro deste conceito de comunicação.

Ao chamar de práxis esta permanente relação do homem com a natureza, entendemos a capacidade deste homem de interferir na realidade para modificá-la. Pois, ele se relaciona com “seu mundo” de forma crítica, como sujeito criativo. E mesmo tratado por sistemas sociais opressivos como objeto, de forma a desumanizá-lo, isso não altera sua “vocação ontológica” que é a de ser sujeito.

Todo o processo de socialização do Movimento está vinculado às formas de acesso ao conhecimento e de vivências e experiências compartilhadas, como por exemplo, a mística. A medida em que o MST se organiza, a compreensão de ser um Sem Terra vincula-se de forma irmanada com a de Militante do Movimento, assumindo uma especificidade na sua luta política.

Nos acampamentos é importante a socialização dos acampados com a realidade do mundo rural, de identificar-se enquanto Sem Terra, de pertencer à uma organização coletiva, portadora de projetos, pautas, valores e principalmente identidades. A mística assume um papel importante como instrumento nas demandas de socialização e integração dessa nova identidade coletiva e social incorporada pelo Sem Terra, em seu renascimento, já que, familiarmente,

fazer parte, no caso do MST, é assumir uma nova identidade, como o objeto que se transforma em símbolo. É emprestar-se para adquirir outra natureza. Deixar-se

comparar com outro símbolo, neste caso, outro ser social que faz parte da mesma sociedade em que vivemos (BOGO, 2002).

Além do pertencimento, a mística pode ser entendida também pela vertente da solidariedade, como uma práxis fundamental na comunicação popular, ou comunitária. Para Bogo, a mística se locomove através da imaginação, da esperança e da paixão, na direção que valorize um sentimento de identidade cultural que se caracteriza em partilhar a vida em forma de identidade coletiva, apoiada em ideais baseados em valores éticos.

A solidariedade é um valor dialógico e político fundamental na comunicação do MST. Para Raquel Paiva (2003), através do caminho político da solidariedade é possível reprojeter comunitariamente o futuro.

Para a comunidade, que é uma estrutura de vinculação e pertencimento, que passa a ocupar um espaço contra hegemônico, organizando novos caminhos sociais e comunicacionais no enfrentamento a globalização, "a solidariedade é uma estratégia de construção de um saber particular de quem vive na escassez ou à margem" (2003). Esta é a direção da proposta do MST para uma nova sociedade através da Reforma Agrária Popular. Onde a comunicação passa a ser, por definição, necessariamente política e libertadora.

O SILÊNCIO DOS FAMINTOS OU "UM PAÍS SEM POVO"

Na obra de Paulo Freire, entre as razões históricas e políticas que mantêm contingentes de mulheres e homens em permanente condição de oprimidos, surge o conceito de cultura do silêncio. O que nos leva a observar o comportamento e o pensamento dos camponeses de tal forma próximos ao mundo natural, que os vemos mais como parte dele do que como seus transformadores.

Quando o povo tenta através da palavra, dos clamores da razão, manifestar-se, é oprimido pela violência estatal. Para o padre Antônio Vieira, "o pior acidente que teve o Brasil em sua enfermidade foi o tolher-se a fala", era o país ser mantido sem fala, sem voz (LIMA, 2021). E escapar do fatalismo neoliberal, talvez seja o principal desafio do MST.

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 1992).

O Brasil é "um país sem povo", reflete Freire sobre a inexperiência democrática brasileira. Por aquele "tolher-se a fala", que o país, de cabeça baixa, nasceu e cresceu sem a experiência do diálogo, sem o direito à fala. Este alheamento à vida pública, que é entendido por mutismo brasileiro, se trata da "posição meramente expectante do nosso homem diante do processo histórico nacional" (FREIRE, 1959).

A mística do MST reúne esse contingente que antes não era povo. Sua proposta de diálogo, de comunicação comunitária é baseada na solidariedade como modelo de uma ordem

de socialização, que através da reforma agrária popular, funda não só a palavra, mas também a voz e o gesto, a ação mobilizadora contra o modelo neoliberal.

A pedagogia do oprimido, no decorrer da história do MST, revela uma mulher, um homem, que já não se satisfaz em assistir. Quer participar e sua participação ameaça os privilégios detidos pela elite. E a sociedade que se nega ao diálogo se faz preponderantemente muda, oferecendo comunicados em lugar da comunicação. O Movimento Sem Terra entende que a organização é capaz de produzir a voz autêntica da comunidade.

A mística do MST é um instrumento de ruptura com nosso passado colonial, com a cultura do silêncio que assumiu a forma de uma consciência camponesa, ou na definição de Hegel, uma consciência servil. Uma das causas desse comportamento apático por parte dos oprimidos é a ideia do fatalismo, não como um traço essencial da forma de ser do povo, um fatalismo alongado em docilidade, como dizem os opressores, mas sim o fruto de uma situação histórica e sociológica de exploração.

A palavra tem um papel central contra a cultura do silêncio, essa cultura que é o espaço dos comunicados. A ausência da palavra, a palavra falsa, deve ser superada pelo direito à expressão da palavra autêntica e utópica. A mística é o espaço dessa comunicação, da possibilidade do diálogo que rompe a estrutura latifundista, onde reside o mutismo do camponês. Mutismo este que vai desaparecendo do espaço de reforma agrária. Espaço aberto ao adquirir consciência de classe, que é um resgate do camponês da consciência alienada, que é uma dimensão do neoliberalismo, submetendo o trabalhador ao condicionamento de uma cultura do êxito pessoal, perpetuando a contradição opressor/oprimido.

As políticas públicas de silenciamento, como a exclusão da educação formal, a imposição da fome e a impossibilidade de acesso a variados bens públicos negados aos não alfabetizados, são reforçadas por mitos indispensáveis à manutenção do status quo, dentre eles,

(...) o mito de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade; de que esta ordem respeita os direitos da pessoa humana; de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários; de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: 'doce de banana e goiaba' é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica; o mito do direito de todos à educação; o mito da igualdade de classe; do heroísmo das classes opressoras, de sua caridade, de sua generosidade; da falsa ajuda; o mito de que as elites dominadoras são as promotoras do povo; o mito de que a rebelião do povo é um pecado contra Deus; o mito da propriedade privada como fundamento do desenvolvimento da pessoa humana; o mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos; o mito da inferioridade 'ontológica' destes e da superioridade daqueles (FREIRE, 1992).

A mística entendida como essa sistematização de saberes populares acumulados, de povos originários, quilombolas e outros grupos sociais, dentro do processo de reforma agrária popular, projeto fundamental do MST para uma sociedade mais justa, inaugura uma nova história de mulheres e homens que resistiram emudecidos, sob a cultura do silêncio, por políticas de silenciamento e pelo efeito silenciador do discurso hegemônico do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.

NOTAS À LUZ DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

A política dominante enxerga sua própria superioridade como único conhecimento válido, a medida em que se tornam politicamente aceitáveis as mais abjetas formas de desigualdade e discriminação social, comenta Boaventura em seu livro *O Fim do Império Cognitivo*.

Através da mística, que representa a realidade do homem do campo e o sistema que o oprime e desmistifica o capitalismo como único projeto possível, o MST se opõe às ideias da classe dominante. E ao representar os trabalhadores como sujeitos de sua própria história, a prática discursiva da mística se contrapõe à forma ideológica hegemônica. Não apenas identificando e organizando de forma sistemática o que muitas vezes nem figura como conhecimento por ser oprimido pelas epistemologias dominantes, mas também valorizando a dimensão cognitiva das lutas de resistência contra a opressão e contra esse conhecimento que legitima essa mesma opressão. Desta maneira é que se dá a experiência no campo de movimentos sociais como o MST.

Esta produção e validação de conhecimentos elaborados na experiência de grupos sociais que são sistematicamente vítimas da injustiça e da opressão promovidas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado, é o que Boaventura (2020) reconhece por “epistemologias do sul”. E é este processo de conscientização que possibilita ao trabalhador, como sujeito, inserir-se no processo histórico.

Com esses sujeitos alienados e oprimidos, imaginados como incapazes de produzir conhecimento válido pelas epistemologias dominantes, esses silenciados e invisibilizados em suas condições não plenamente humanas, objetivam o papel crucial das epistemologias do sul, de reconhecer e validar seus conhecimentos e modos de saber. A mística cumpre a função de resgatá-los como um gesto distintamente político. Como na sociologia das ausências, transformando sujeitos ausentes em sujeitos presentes.

No MST, este resgate se dá pela via política da solidariedade. A mística aprofunda a experiência dos sentidos, que é, sobretudo, uma experiência de reciprocidade, no ver e ser visto ou ouvir e ser ouvido. Essa experiência sensorial é capaz de aquecer a razão e avançar para um sentir-pensar. Saciando ao mesmo tempo a fome da cabeça e a fome da barriga.

A relação da mística com o alimento não se dá apenas na forma política da solidariedade. No resgate de um passado de lutas que a mística reproduz, também acontece um resgate cultural, e se tratando da produção de alimentos agroecológicos, trata-se de um resgate culinário também, de ancestralidade, que vem à tona com imensa força social.

A experiência dos sentidos através do alimento, diante da fome e das condições de produção, é silenciada pelas epistemologias dominantes faz tempo. Boaventura Sousa alerta que o século XIX colocou a visão e a audição no topo da hierarquia porque esses dois sentidos se associavam com a cognição, enquanto o paladar, o olfato e o tato eram considerados sentidos menores, especialmente desenvolvidos nas raças inferiores (2020).

Porém, a comida tem uma dimensão comunicativa (Barthes, 1961), faz parte de um sistema simbólico, é elemento de uma narrativa histórica e social que expressa um sistema de

significados, envolvendo práticas, emoções, crenças, identidade coletiva e afetos. A gastronomia demarca esse campo semântico no qual se viabiliza uma apreensão da produção de sentidos relacionada ao alimento, como um meio de comunicação circunscrito a uma linguagem específica. Definindo um lugar de aprendizado, solidariedade e comunicação.

Observando a etimologia do verbo 'comer' que deriva de 'cum + edere'. Em latim, 'comer' era 'edere', que significava, grosso modo, alimentar-se, ingerir alimento, nutrir-se. Incluía, dado o sistema linguístico, a ideia de comer sozinho. Porém, 'cum + edere' era um composto que significava 'comer na companhia de outras pessoas'. Assim, logo atribuímos sentido aos gestos feitos junto a outros enquanto comemos, passando da dimensão funcional para um valor comunicativo de grande importância para a questão agrária no MST, pois, relacionamos desta forma o que está à mesa ao que pertencemos.

A carga simbólica do alimento, sua relação com a fome, delimita também um universo simbólico ao configurar a mesa como metáfora da vida. A vida que se estabelece numa relação de pertencimento a um grupo que pode ser a família ou uma comunidade mais ampla, mas também seu silenciamento. Para Montanari (2013), se a mesa é a metáfora da vida, ela representa de modo direto e preciso não apenas o pertencimento a um grupo, mas também as relações que se definem nesse grupo. Pensamos na diferença de papéis entre homens e mulheres em algumas sociedades camponesas: os homens sentados à mesa, as mulheres em torno, prontas para servir, consumindo em pé sua refeição.

Porém, a experiência estética inter sensorial da mística no MST possui afinidades de interação cognitiva anteriores ao saber-com, às ecologias de saberes e à tradução intercultural valorizada pelas epistemologias do sul. A sacralidade do alimento que a mística traz em si como dom divino, retomando sua origem religiosa, se expressa na forma sadia de alimentar-se, da produção do alimento sem veneno, no cuidado com a vida de todos e no respeito à terra e à dignidade dos seres vivos.

As epistemologias do sul consistem uma "ocupação" da reflexão hegemônica sobre a epistemologia, mas também outros conhecimentos e outras práticas comunicativas que ocorrem na dimensão das práxis sociais de resistência e luta contra a dominação. Tais modos de conhecer e validar conhecimentos dão impulso a políticas insurgentes a maneira que se assumem como epistemologias políticas capazes de confrontar as articulações entre capitalismo, colonialismo e patriarcado.

A mística, como uma prática comunicativa, que Boaventura chamaria de pedagogia prefigurativa, é um modo de organizar a convivência coletiva e promover uma aprendizagem libertadora que permite praticar concretamente um outro mundo futuro possível. Ela é a denúncia e a alternativa, ou seja, a sociologia das ausências e a sociologia das emergências. O MST constrói a crítica no campo teórico, mas também a possibilidade no campo da práxis, o que o diferencia do pensamento eurocêntrico que trabalha apenas a crítica, já que "a ausência de alternativas só é intelectualmente convincente para quem não precisa delas existencialmente na sua vida diária", comenta Boaventura. Mas quem tem fome tem pressa.

Pelo caminho desenhado por Paulo Freire, o MST parece marchar em direção a transformação do mundo pela Reforma Agrária Popular. Transformação essa que é uma tarefa coletiva, assim como sua reinterpretação, que é reinterpretar o mundo através de uma outra epistemologia, do que só é possível na coletividade, uma epistemologia compreensiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mística parece ligada a natureza da organização, no fazer com que se pense de forma organizada, aproximando a realidade como uma dinâmica do processo educativo de libertação. Este trabalho de organização, de sistematização, utiliza a memória como captadora da realidade, como uma inteligência. Inteligência que se cria na luta para compreender e mudar o mundo.

Segundo dados do próprio MST de janeiro de 2022, desde o início da pandemia do novo coronavírus, por meio das campanhas de solidariedade, MST doou mais de 6 mil toneladas de alimentos e 1.150.000 marmitas para pessoas e famílias inteiras em situação de fome e insegurança alimentar em todas as grandes regiões do país.

Este feito somente é possível a partir da produção de alimentos das agricultoras e agricultores desde seus quintais produtivos, hortas e roçados solidários e também a partir da diversidade de produtos beneficiados pelas associações e cooperativas da Reforma Agrária Popular, além dos pontos de apoio da rede de Armazéns do Campo e Cozinhas Solidárias, uma organização popular desenvolvida ao longo de seus 37 anos de Movimento. Tal organização da produção, ou sistematização, ocorre exclusivamente através do engajamento de sua militância, movidos pela ideia-força gerada pela sua mística, capaz de mover as massas em direção ao seu objetivo coletivo, a Reforma Agrária Popular.

O MST assume a sua mística como uma práxis libertadora, de emancipação crítica do sujeito que é silenciado e oprimido e de sua reflexão sobre a realidade social de onde desponta uma utopia. O que também podemos chamar de educação libertadora, já que implica na superação da cultura do silêncio e de uma consciência servil.

Esta aproximação ao trabalho de sistematização que Freire realiza, do que é aparentemente simples ou pouco importante, mas que possui conscientemente uma intencionalidade, faz perceber a importância da mística como um instrumento discursivo bastante elaborado, de enfrentamento e desmistificação da sociedade capitalista. Sendo a forma de construir pensamento e registrar as expressões do povo, observando seu processo como um todo.

Para compreender a estrutura organizativa do Movimento é preciso enxergar a mística como uma prática comunicativa, política e educativa, alicerçada na luta em “comum” pela superação desses sistemas de opressão que se apresentam como única alternativa, promovendo a desigualdade social, o colapso ecológico e o fascismo social na forma de violência contra as mulheres e racismo.

Entretanto, podemos aprofundar mais suas relações com a gastronomia, apesar do combate à fome e à insegurança alimentar no país pelo viés da solidariedade ser o movimento político mais importante dentro da gastronomia. O resgate de fatores culturais e sociais trazidos pela mística, como acesso a alimentos simbólicos e receitas de significado histórico para um determinado grupo social, comprova sua relevância para os estudos em gastronomia, pois uma sociedade sem referências culinárias de afeto, sem uma memória de luta pela terra e pelo alimento, sem o acesso ao conjunto significativo de sua cultura alimentar, não se configura uma cadeia de consumo, seja domiciliar ou comercial. Além de não podermos ignorar o fato de

MST como um dos maiores produtores de alimento limpo (agroecológico) do mundo, considerado o maior produtor de arroz orgânico da América Latina há mais de 10 anos.

Alimentar e valorizar essas místicas, no processo atual de redemocratização que se faz necessário, uma mística relacionada não só com o espaço rural do racismo agrário, mas com o agroecológico e, fundamentalmente, das mulheres e LGBTQIA+, sugere um outro corte epistemológico. A mística é necessária para mantermos esses processos coletivos comunitários que nos permitem um respiro democrático e uma retomada de um processo político.

Pedagogia do oprimido é uma defesa da dimensão política da educação, de uma práxis libertadora como a mística do MST, capaz de romper o silenciamento imposto por forças opressoras, criando outras epistemologias, sociologias e pedagogias políticas das organizações sociais de luta coletiva.

Nesta luta do Movimento contra o latifúndio é preocupante termos um crescimento tão expressivo de subprodutos da gastronomia pelas mãos do neoliberalismo. A agroecologia, na disputa hegemônica com os sub alimentos das redes internacionais fast food, que promovem a precarização da mão-de-obra, seja de cozinheiros a entregadores de aplicativos, estreitando laços epistemológicos, a gastronomia pode se tornar uma grande aliada pela libertação entre opressores/oprimidos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. Pour une psycho-sociologie de l'alimentation contemporaine. In.: E. Martty (Ed.), **Roland Barthes: Oeuvres complètes – Tome I: 1942-1965** (pp. 924-933). Paris: Éditions du Seuil. 1. Ed. Original 1961.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do Império Cognitivo: as afirmações das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2ª edição, 2020.

BOGO, Ademar. **O vigor da mística**. SP: Cadernos de cultura, n.2, MST, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Educação e Atualidade Brasileira**. (Tese de concurso para a cadeira de História e Filosofia da Educação). Recife: Escola de Belas Artes, 1959.

_____. "Terceiro Mundo e Teologia. Carta a um jovem Teólogo". In: TORRES, Carlos Alberto. **A Práxis Educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979; original 1970.

_____. "Cultural Freedom in Latin América" in Colonnese, L. M.; ed.; **Human Rights and the Liberation of Man in the Americas**. University of Notre Dame Press, 1970b.

LIMA, Venício A. de. Paulo Freire [livro eletrônico] : **a prática da liberdade, para além da alfabetização / Venício A. de Lima**. – São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2021. 1.37 Mb ; ePUB.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**; tradução de Letícia Martins de andrade. – 2ª ed. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2013.

MOURA, Rícelio Régis Barbosa da Silva. **Pedagogia do MST e epistemologia da mística**:

uma gramática simbólica da formação de militantes. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo.** Rio de Janeiro, MAUAD, 2003.

SEMERARO, Giovani. Filosofia da práxis e (neo)pragmatismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, p. 28-39, 2005.

_____. **Gramsci e os novos embates da Filosofia da Práxis.** Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

VIEIRA, Fernando A. da Costa. **Navegando contra a maré: a relação entre o MST e a mídia.** Curitiba. Brazil Publishing, 2019.